

AD GLORIA DEI

Lourenço viera ao mundo uma manhãzinha de Verão ainda o sol não se levantara e para os pais foi um desatino saber que era rapaz a suceder às três meninas que, loiras como o trigo loiro, cirandavam pela casinha escassa. Nem o pai nem os avôs se chamavam assim e a mãe bem forcejara para que fosse Abílio, nome por que era conhecida a sua família que mourejara naquele patamar duriense e, por serem muitos os assim chamados lhes valia o apelido de “Abílios”, uma “gens” que a ninguém da terra deixava indiferente. Mas o pai, que não que não, Abílio não seria mas sim Lourenço, nome do Santo que era patrono da freguesia, tinha a sua festa pelo ardente Agosto e sofrera o martírio ao ser posto numa grelha que constava dos atributos da imagem que ocupava lugar de destaque em altar da Igreja Paroquial. E assim, foi no dia 10 de Agosto, dia do seu orago, que o rapazinho se fez cristão, aceitando sem resmungos a água lustral que o Senhor Abade aspergiu na cabecinha onde já despontava o lindo cabelo loiro par dos cabelos de suas irmãs. Os Abílios que foram à Igreja endomingados para as duas festas, a do baptismo e a do patrono, bem perguntavam: então sempre é Lourenço o rapaz? Pois não respondia o pai, Lourenço como o nosso Santo, e revirava os olhos para a imagem, olhos doces de crente feliz, como a demandar para o filho as graças bem precisas neste mundo tão atreito aos destemperos do demo.

Cresceu Lourenço como passa o tempo, hoje na poda amanhã no lagar, e quando alcançou a idade de entrar na escola, ladino como era, já conhecia as letras e algarismos que aprendera com as irmãs. A D. Filomena que há trinta anos ensinava, dizia, a quem a queria ouvir, que era um pirralho finovivo como o azougue e havia de ir longe se a necessidade não o empurrasse para a enxada que era a sina de todos os que não se encaminhavam para o seminário ou para o liceu onde as despesas eram maiores e o sucesso menos certo.

Como na aldeia, terra desafogada assente num socalco de vinha e de horizontes abertos às vagas de cumeadas de serranias que se sucediam, todos tinham alcunha, coube a Lourenço ser o “Grelha” e ele aceitou o ápodo com desembaraço crente que o tempo lhe devolveria o nome próprio que o irmanava ao prestigiado mártir que tronava na linda Igreja onde a frontaria era um arrebique barroco oitocentista.

Decorridos os quatro anos da instrução que Lourenço venceu sem um desvio, os pais tiveram que ponderar por onde iria caminhar o rapazinho que atrás de si vira chegar

à casa paterna outra franginha loira como as mais. Como o dinheiro não abundava, os migalhos que tinham mal sobejavam para a manutenção e algumas louçanias a que as raparigas sempre aspiram, o pai quis saber de Lourenço se estava disposto a ingressar no seminário e vir a ser o primeiro dos Abílios a abrir coroa. O pequeno, que acabara de fazer 11 anos, disse logo que sim e no Outubro seguinte lá alcançou Lamego, terra severa e gélida que se acachapava ao abrigo da serra ajoelhada aos pés do Douro, rio que a apartava das alturas do majestoso Marão para onde, a rogo dos devotos, Santa Bárbara encaminhava as tremendas trovoadas por ali não haver palha nem grão nem alminha tresmalhada.

Os primeiros dias não foram pêscoço doce para o novato. Longe da casa dos Pais e das irmãs, principalmente as mais velhas que o apapricavam, despedido dos companheiros de folguedos felizes, já não ouvia chamar “ao Grelha isto, ó Grelha aquilo” e quase se esquecia que por vontade paterna fora Lourenço, nome exótico na sua aldeia encarrapitada onde o cemitério era o mais belo miradouro do burgo, sítio a que a par de nacionais acudiam gentes bárbaras que falavam sobretudo o inglês, ascendidos de quintas onde flutuava a Union Jack, lembrança presente da pátria distante, e enchiam o ar de “beautiful e marvellous” extasiados por aquele cosmorama que excedia em tudo a sua Grã Bretanha.

Quando Lourenço veio a férias pelo Natal os companheiros encheram-no de perguntas: Ó “Grelha” conta lá e ele dizia dos Senhores Padres, dos Perfeitos, dos discípulos, do pouco que comiam do muito que rezavam, até que farto de dar novas acorria ao lagar de azeite a gozar aquele cheiro gordo que ali reina, a apontar as maquinas com o maior escrúpulo e agrado do lagareiro, numa letra redonda que fazia augurar imaculados assentos dos actos grandes da vida, baptizados, casamentos, óbitos, quando o tempo viesse.

Lamego vai Lamego vem, decorreram os anos sem qualquer desdouro, antes com o brilho, a seriedade e a sabedoria que uma inequívoca vocação acalentava. Até que, cumpridas todas as etapas, chegou o dia de rezar Missa Nova na Igreja da freguesia onde o Sr. Padre Matias o fizera entrar no Reino dos Cristãos. Todos os “Abílios” rodeavam Pai e Mãe e as quatro irmãs, duas já casadas, que caprichavam no vestir e na alegria que lhes acudira aos rostos para festejar tão subido momento na vida da família e da freguesia que nunca vivera tão estimada festa. Com todos os fregueses presentes, até os Senhores Menezes da Casa da Presa que raro vinham à Igreja e ouviam missa no recato da sua

capela, escutou-se, na altura própria, o elogio do novo Padre com grande cópia de lágrimas felizes quando à Elevação um clarim a sublimou e todos deram graças.

Acabada a cerimónia Lourenço feliz saiu à rua. Seria no Salão Paroquial que iriam comer o vitelo mais gordo, já enchiam o ar os aromas do assado e as espirais de fumo azul subiam na vertical ao céu onde não corria uma aura. Ali estavam os companheiros de sempre, os que tinham ido aos grilos, os que visitavam os ninhos, os que sujeitavam as correrias do arco com a gancheta, os que chamavam pelo “Grelha”, os que diziam “ó coiso, conta lá”. Era a infância sentada ao redor do dia grande. Foi então que, movidos por um certo temor reverencial, lhe chamaram Lourenço, recuperado o nome baptismal, e cresceram de boa vontade, Senhor Padre, Senhor Padre Lourenço.

Porto, 20 de Maio de 2002